

EDGAR RAMALHO DANTAS

CRISTOVÃO DANTAS

COLEÇÃO MOSSOROENSE

SÉRIE "B"

NÚMERO 694

1989

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE CIÊNCIAS - ANOCI
(Gestão 1988 - 1990)
Data de Fundação: 20.07.1988

DIRETORIA

Presidente: Jerônimo Vingt-un Rosado Maia
Vice-Presidente: José Henrique Bittencourt
Secretário Geral: Benedito Vasconcelos Mendes
Diretor Científico: Paulo Sérgio Lima e Silva
Diretor Social: Sebastião Monte
Diretor de Patrimônio: Uílame Umbelino Gomes

CONSELHO CONSULTIVO

Carlos Ernani Rosado Soares
Edgar Ramalho Dantas
João Batista Cascudo Rodrigues
Mário Moacir Porto
Otto de Brito Guerra
Veríssimo Pinheiro de Melo

COMISSÃO EDITORIAL

Paulo Sérgio Lima e Silva (Presidente)
Eudenilson de Albuquerque Lins
Henry Ramos Matthews
Josué Fernandes Pedrosa
Raimundo Saraiva da Costa

Sede: Escola Superior de Agricultura de Mossoró - ESAM
Caixa Postal 137 - CEP 59.600 - Mossoró - RN
Telefones: (084) 321-1765 e 321-1287 - Telex: 843152

EDGAR RAMALHO DANTAS

CRISTOVÃO DANTAS

BIBLIOTECA
Instituto Histórico e Geográfico
do Rio Grande do Norte

COLEÇÃO MOSSOROENSE

SÉRIE "B"

NÚMERO 694

1989

EDGAR RAMALHO DANTAS

CRISTÓVÃO DANTAS

Instituto Histórico e
Geográfico do Rio
Grande do Norte
Nº. 1ºeg 21.405-

Elogio da Cadeira Nº 04 da Academia
Norte-Rio-Grandense de Ciências, em 20/12/88.

Autoridades presentes, acadêmicos, meus se
nhores e minhas senhoras. Foui pessoalmente surpreendi
dido, pelo convite do professor Ving-Un Rosado, para faz
zer parte dessa Academia de Ciência northeriograndense.
Como profissional das Ciências da Terra pensei em pro
curar um geólogo ou geógrafo, para apresentar e tomar
como patrono. Mas com inspiração com que Vingt-Un to
ca todas as coisas, sugeriu-me Cristovão Dantas. De
pronto me passa pela lembrança pedaços da infância e da
juventude, momentos da minha formação profissional em
que a pessoa de Cristovão Bezerra Dantas esteve sempre
presente. Cristovão Dantas, filho de Manoel Gomes de
Medeiros Dantas e de Francisca Anália Bezerra Dantas
naturais, ele de Caicó e ela de Acarí. Busco há muito
tempo levantar a produção intelectual de Cristovão Danta
s. Ao longo de toda a sua existência foi grande a con
tribuição que ele deu ao desenvolvimento da sua terra,
da região nordestina e do País. A sua produção e con
tribuição está distribuída quase como uma atividade anôn
ônimas daqueles que são os elementos catalizadores

das reações que promovem o crescimento. Trabalhar em silêncio, trabalhar com humildade, com dedicação, trabalhar com sistema, foi a maior característica deste homem. Busquei as primeiras informações sobre sua vida, no diário de seu pai, meu avô, que a nossa família guarda como preciosidade. No diário de Manoel Dantas diz: "19 de abril de 1900, nasce no meu sítio na Estrada do Morcego, em Natal, às 20 hs da noite no dia de quinta feira, um filho que tomou o nome de Cristovão Bezerra Dantas..." Mas à frente, se encontra uma outra anotação referente: "24 junho de 1900; batizei meu filho Cristovão, na Igreja de Bom Jesus do Natal, perante o vigário João Maria de Brito, e padrinhos meus cunhados Feliz de Araújo Pereira Filho e sua mulher D. Maria Getúlia Bezerra de Araújo, representados por procuradores José Augusto Bezerra de Araújo Eudóxia Fernandes Dantas. A Infância de Cristovão foi em Natal. Uma infância vivida na casa do pai Manoel Dantas, cercada de cultura, cercada dos políticos da Primeira República do Rio Grande do Norte, pe

la vontade de produzir, pela vontade de fazer crescer esse Estado. Recentemente, uma tese sobre a origem do Planejamento Econômico e da sua doutrina no Brasil, demonstra que os Governos da 1.^a República do Rio Grande do Norte, foram governos que realmente desenvolveram os primeiros programas e metas econômicas para vencer o subdesenvolvimento no país. O que faz Manoel Dantas com seus filhos Garibaldi e Cristovão? Está anotado no seu diário, quando Cristovão tinha 14 anos no dia 11 de maio, de 1911, "Hoje pelas 5.00 hs da tarde meus filhos Garibaldi e Cristovão deixaram pela primeira vez a casa paterna, seguindo para o Ginásio de Lavras em Minas Gerais em companhia do Dr. Juvenal Lamartine no Vapor Bahia".

Separaram - se esses jovens da sua família e vão para o maior centro agrícola existente no País, e lá se destacaram e se distinguiram como os melhores alunos da sua época, da sua geração.

Garibaldi forma-se primeiro, veio e ten

tou fazer Natal, não foi possível. Cristovão tinha o gosto pela terra o desejo de contribuir, de trabalhar, de aqui vir a aplicar todo o seu conhecimento toda a sua experiência acadêmica. E ao se deslocar para Natal em buscar um emprego não conseguiu nada além de ser lente de ginástica do Atheneu norterio-grandense. Entretanto a sua contribuição nesse período não passou despercebida e é marcada pelo documento, que a coleção mossoroense já publicou, trabalho feito por um jovem de 19 anos intitulado "A lavoura Seca do Rio Grande do Norte". Nesse estudo Cristovão analisa não só o enfoque maior que se dava naquela época ao problema do aproveitamento das águas, mas enfatiza sobre modo a necessidade da melhoria dos solos, das plantas, cultivadas, como também da melhoria das relações sociais do homem do campo, para poder realmente se vencer o processo do subdesenvolvimento. É surpreendido com o prêmio dado pelo Ministério da Agricultura aos alunos distintos de Lavras, em Minas Gerais, para ter uma bolsa idêntica ao do seu irmão Garibaldi Dantas que

estava se aperfeiçoando nos Estados Unidos e, segue para Geórgia onde se dedicou principalmente ao estudo do algodão. Quando Cristovão termina o seu curso na América, o Rio Grande do Norte tinha tornado pequeno para ele. O próprio Ministério da Agricultura e o Governo do Estado de São Paulo, reconhecendo seu valor atraem-no para o sul do País, e lá passa então a residir. Vai para Estação de Tupi, centro inicial da cotonicultura no Estado de São Paulo, berço de um novo horizonte agrícola para um Estado que basicamente só produzia café. É o trabalho de Cristovão e do seu irmão Garibaldi que permitem esse início de diversificação de culturas contribuindo para o início da industrialização de São Paulo, quando os imigrantes começam a instalar as suas indústrias, as suas fiações e as suas tecelagens.

Meus senhores, esse homem que foi pra São Paulo, jovem de pouco mais de vinte anos, a ter essa importância no País, e no estado que o acolheu, não perdeu de maneira nenhuma o seu gosto e o seu desejo

de voltar ao Rio Grande do Norte, tão logo quanto fosse possível. Quando seu tio Juvenal Lamartine de Faria assume o Governo, atrai Cristovão Dantas para o Rio Grande do Norte e o faz seu Secretário Geral do Estado. Cristovão começa a tomar gosto pela política, candidata-se a deputado federal e é eleito na eleição de 19 de março de 1930 como deputado mais votado da bancada do Rio Grande do Norte. Na sua companhia também foram eleitos o Dr. Deoclécio Dantas Duarte e o Dr. Rafael Fernandes, se elegendo pela 1.^a vez, também deputado federal, o Dr. Eloy de Souza, retornando do Senado e começando sua vida na Câmara dos Deputados. O convívio de Cristovão tanto no Rio Grande do Norte como no País inteiro foi sempre com as pessoas mais ilustres, mais gradas, foi sempre com as pessoas que tinham realmente interesse em contribuir para o progresso do País.

Em 1929 participou da organização de um trabalho que foi sepultado e varrido da história econômica do Rio Grande do Norte, pois são poucas as cita

ções encontradas do que foi o 1º Congresso Econômico do Rio Grande do Norte". Durante o 1º Congresso do Rio Grande do Norte, o Governo Juvenal Lamartine, estabeleceu metas e propostas, para o crescimento e desenvolvimento do Rio Grande do Norte e da Região. É surpreendido então esse Governo pelo acontecimento da Revolução de 30 e, todos que o faziam caíram na desgraça dos novos donos do Poder. Cristovão disse aos seus familiares: "Eu não tenho mais o que fazer no Rio Grande do Norte nesse momento, vou para São Paulo, lá posso viver até como engraxate". Lá ele foi recebido, não como engraxate, mas com o respeito à inteligência que ele tinha, recebido por pessoas que fizeram realmente este País. Recebido por Dr. Simonsem, o homem que fundou o Centro das Indústrias do Estado de São Paulo. Com ele passou a cooperar estabelecendo roteiros e ampliando a discussão do processo de crescimento industrial através da contribuição do jornalismo diário. Cristovão com seus irmãos Garibaldi e Humberto foi acolhido por um outro também ilustre brasileiro do Dr. Francis

co de Assis Chateaubriand e Bandeira de Melo. Com eles contou no início dos Jornais Associados e juntos construíram a potência jornalística na qual se transformou, durante o Estado Novo, a abertura de 1945 e até a década de 50. A presença de Cristovão Dantas no jornalismo econômico requer ainda uma pesquisa através dos órgãos mais importantes da imprensa do País, aonde ele estava sempre trabalhando, formando idéias, debatendo problemas, apresentando ora o Rio Grande do Norte, ora o Nordeste ou o país, com todas as suas características de subdesenvolvimento, não como um problema insolúvel, mas sempre como uma solução possível de se realizar. No Rio Grande do Norte um governador assume após uma campanha popular importantíssima. O Governador Dix Sept Rosado. Nos primeiros meses morre com parte do seu Secretariado no desastre do Rio do Sal. Dr. Sílvio Pedrosa assume então o Governo do Estado. Cristovão Dantas precisava voltar para o Rio Grande do Norte. Problemas da sua vida pessoal tornavam imperiosa a sua saída de

São Paulo. Procurador, Silvio informou que ficaria muito satisfeito se ele viesse para cá mas, achava que o Rio Grande do Norte não teria novamente condições de segurá-lo. Mas ele veio e foi nomeado Diretor do Departamento de Agricultura, trazendo idéia de valorizar a lavoura sêca no Rio Grande do Norte. Traz então a melhor equipe de técnicos existentes no país e promovê a realização do Estudo Agro-Geolôgico do Rio Grande do Norte, o famoso relatório Vageler, relatório conhecido para iniciados mas, muito pouco divulgado no Rio Grande do Norte. A êpoca em que Cristovão Dantas foi diretor do Departamento de Agricultura e a êpoca de 54 a 55 em que se discute novos rumos para o país. A autosuficiência de petróleo, os minerais e energéticos. Na imprensa esteve sempre escrevendo para o povo do Estado e do Brasil, sendo publicado e divilgado em toda a rêde dos Diários Associados. Findo o Governo de Silvio Pedroza, volta a São Paulo continuando a trabalhar como jornalista.

Quando se inicia a dêcada de 60, eleito o

o Dr. Aluizio Alves governador do Estado, surge uma nova proposta de crescimento para o rio grande do norte, com uma ação planejada e sistemática, propondo a reorganização interna da estrutura do Estado afim de mobilizar todas as ações institucionais de forma ordenada e planejada, para todos os assuntos e prioridades fossem levantados e providências fossem tomadas para atingi-las. Cristovão é o consultor técnico maior que vem se incorporar ao célebre CED - Conselho Estadual de Desenvolvimento. Volta ao Rio Grande do Norte e aqui dedica o seu tempo integralmente à orientação a uma pleiade de jovens. Rapazes como ele foi, por que ele acreditava que essas pessoas poderiam dar um futuro melhor ao Rio Grande do Norte. Citar jovens que conviveram então com Cristovão é citar nomes que são conhecidos nossos. O Governador Geraldo José Ferreira de Melo, o Dr. Banivaldo Azevedo, e Dr. Roosevelt Garcia, Dr. Marcos César Formiga Ramos, o Dr. José Daniel, enfim, de inúmeros outros jovens que participaram no início do Governo Aluizio Alves, dessa ex

periência que foi o Conselho Estadual de Desenvolvimento, que criou as raízes para a Assessoria de Planejamento do Governo do Estado do Rio Grande do Norte. Assessoria montada pelo Monsenhor Walfredo Gurgel, base da atual Secretaria de Estado do Planejamento, onde tenho a honra de emprestar minha contribuição desde 1981. Cristovão morre nesse período. "Ele falece no dia 17 de outubro de 1964. Foi uma perda reconhecida por seus amigos. O maior testemunho desta perda foi dado por Luiz da Câmara Cascudo. Eu tenho nos arquivos e discursos que Cascudo fez em homenagem postuma a Cristovão Dantas no dia 20 de fevereiro de 1965 no Instituto Histórico e Geográfico, do qual ele era membro, como membro foi da Academia Northerigrandense de Letras que ora nos recebe. Nesse discurso uma frase só basta para provar essa relação. Dizia Cascudo: " Eramos da mesma idade, de famílias íntimas. A casa dos seus pais, a única que os meus permitiam que eu passasse o dia". Mas a frente, Cascudo, referindo - se as oportunidades que o Rio Grande do Norte perdeu

pelo pouco tempo de dedicação que ele deu ao Estado como contribuição, diz: "Os gregos tinham um Deus chamado Kairos, que era a figura singular de uma entidade sem cabelos ou seja, tinha um único fio de cabelo muito longo, e que caminhava apoiado numa roda de ouro e que passava velozmente diante de nós uma só vez na vida. É o Deus da oportunidade. kairos passa diante de nós uma vez. Se nós conseguirmos segurá-lo pelo único fio de cabelo temos o sucesso e o êxito. Mas, se erramos, Kairos nunca mais torna a passar diante de nós. O Estado do Rio Grande do Norte deixou passar o seu Kairos na figura de Cristovão Dantas". Um pouco mais além diz: "Em nossas tertúlias solitárias falava-me da política do algodão, dos problemas de ecologia norterriograndense, o produzir e a circulação, e de uma idéia, embora milenária, que era nova para os brasileiros, para absorver a nossa produção. Cristovão pensava muito em produtos que se fixassem no território nacional e que independentessem de dívidas. Tivéssemos circulação interna de u

ma moeda valorizada, o caso por exemplo de muito comunista, do mundo vermelho, cuja moeda não circula fora, não está em cambio, não está na bolsa, nós nunca vimos, não se compra nada com ela, entretanto, é valorizada no círculo interno de lá". Por fim Cascudo fala, nessa homenagem no Instituto Histórico. "A casa de Cristovão, como foi a casa do pai, voltei como voltaria a casa do pai. Daquilo que ele amou que é a nossa tradição. Cristovão não cabe numa evocação feita aqui, como agora uma simples evocação daquilo que a morte não pode levar, as presenças, a graça fascinadora, as alevias da realização intelectual. Foi como eu mandei dizer a Ozório na hora terrível em que tive a notícia do seu falecimento: o cheque que não foi descontado. O Kairos. Nós que vivemos juntos a vida toda, exceto as soluções de continuidade das viagens universitárias ao sul do país, sabia como eu com quem lidávamos. Os seus planos, a sua esperança, a sua vitalidade, são aquelas permanências que fazem com que Cristovão se possa libertar da lei da morte,

na forma canoniana, seja uma presença para todos n^õs dessa casa. A morte n^ão nos separa dos nossos entes queridos. Mas, ainda mais, nos aproxima do que valorizamos, daquilo que a morte n^ão pode inutilizar, o esforço, a energia, o trabalho, a coragem pela terra comum".

Citar Cascudo é sempre definitivo. Mas ao ter feito, esse elogio ã pessoa de Cristov^ão Dantas, um homem de uma potencialidade de uma intelig^ência brilhante n^ão poderia ser completo sem trazer a palavra dele a essa reuni^ão. Procurei buscar nos arquivos, nas informaç^ões, aquilo que pudesse representar, o ideal, a perplexidade, a ang^ústia que sempre conviveram no íntimo de Cristov^ão. Foi publicado por Solon Aranha, em homenagem ao companheiro falecido em 17 de outubro de 1964. Esse artigo eu o trago aqui e, se intitula "A Causa do Homem",

Um horador europeu citou, h^ã pouco, uma frase que vale a pena ser relembrada. Disse ele:

"A trag^êdia do S^éculo XIX é a incapacidade

do homem para crer em Deus. A tragédia do Século XX é a incapacidade do homem para crer no homem".

Essa descrença do homem no próprio homem coincide, todavia, com um instante da civilização em que os espaços se tornaram curtos, os povos dispõem de melhores contactos sociais e tudo parecia indicar o desabrochar de uma nova ordem de coisas em que, pela primeira vez na história a humanidade atingisse a unidade, e os homens, fossem quais fossem as suas colorações nacionalistas, religiosas ou espirituais, comungassem os mesmos ideais de concordia e de fraternidade.

Por ocasião da Conferência dos Países Afro-Asiáticos, em Randug, na Indonêsia, o General Carlos Rômulo, das Filipinas, emitiu este conceito, sobre o qual convém igualmente meditarmos:

"Companheiros, nossa força não deriva do nosso número, embora os números que representamos sejam grandes. Deriva da nossa percepção da história e

do propósito vital que pomos na elaboração do amanhã.

O bom êxito dessa Conferência não se medirá pelo que façamos para nós mesmos, porém pelo que façamos por toda a comunidade humana.

Por maior que seja a causa da África e da Ásia, há uma causa maior ainda. É a causa da comunidade humana, em um mundo que luta para libertar-se do câos e anarquia internacional. Em resumo, nossa causa é a Causa do Homem".

Difícilmente, um homem público e pensador político definiria melhor a orientação, que merecem traçar-se sobretudo dos povos sub-desenvovidos do ecúmeno, do que êsse "Stateman" do Pacífico.

A Causa do Homem não comporta o ódio entre os homens, o rancor dos que têm pouco contra os que têm, a rebelião dos menos avançados contra os mais avançados, a germinação do clima de revolta e de cizânia.

São esses os sentimentos que cavam os fune

rais da civilização e terminam por converter o homem em algoz e em inimigo do próprio homem.

No dia em que celebramos o advento da enven
ção da Luz mais poderosa e redentora, que jamais espan
cou as trevas deste mundo, bom será nos capacitarmos
também de que o ideal do homem servir ao próprio homem
se enquadra no Decálogo do Sinai.

A sociedade ou se deixa embeber cada vez ma
is nos postulados semeados pelo Nazareno ou então se
converte em trincheira onde se advogam apenas interes
ses liliputianos do estômago e das vísceras.

Dizia Carlyle, eminente crítico inglês do
Século XIX, que depois de 2.000 anos de Cristianismo,
ainda não havíamos aprendido a seguir os passos do
mais alto e nobre doutrinador que transitou pelo nosso
planeta. Nem havíamos tão pouco compreendido a signi
ficação exata da Cruz.

O Cristianismo é um eterno recomeçar espiri
tual e uma luta sem trêgua contra as emanações do cha

co do materialismo que, mais uma vez, contaminam as so
ciedades contemporâneas.

Vale, contudo a pena, e é mesmo indispensá
vel, travar esse combate.

Se aprendermos a crer no homem e a referencii
ar, nêle, a Essência Divina, que parmanece inalterada
em sua alma, aprendermos igualmente a crer em quem lhe
inoculou o sôro e a centelha da vida, afim de qué em
sua tramitação terrena, ele se tornasse merecedor da
dãdiva da existência, com que o opulentou o seu pró
prio e magnânimo Criador.

Poderia mais me alongar mas, diante de pa
lavras de tão elevado espírito, recuperadas de uma do
cumentação quase perdida, como novo membro da Academi
a de Ciências, me colocó diante de uma desafio de ir
buscar entre aqueles que fizeram o Rio Grande do Nor
te os seus ensinamentos. Recuperar essas palavras de
uma documentação quase perdida, é recuperar a sua pro
dução, e trazer para o exemplo das novas gerações, o

testemunho daqueles que antes muito antes se dedicavam também em fazê-lo no desejo de dar ao seu povo uma condição de vida melhor do que a que eles possuíam antes. Relembrar Cristovão Dantas nessa Acdemia de Ciência é relembrar a necessidade de recuperar a sua informação. Essas palavras, da necessidade de recuperar a informação da produção científica do Rio Grande do Norte, eu acredito, será sempre a tônica maior da daqueles que fazem esse trabalho e se sentam como pares em torno desta mesa. Vingt-Un com a sua Coleção Mossoroense, é o melhor exemplo desse trabalho, dessa dedicação. Meus senhores, minhas senhoras, não tenho mais nada a acrescentar, agradeço a sua atenção e muito obrigado.

ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE CIÊNCIAS - ANOCI
RELAÇÃO DAS CADEIRAS, ACADÊMICOS E PATRONOS

| CADEIRAS | ACADÊMICOS | PATRONOS |
|----------|---------------------------------|--|
| 01 | ALBUQUERQUE, Eudenilson Lins de | José Emídio Rodrigues Galhardo |
| 02 | BITTENCOURT, José Henriques | Daniel Pedro Ferro Cardoso |
| 03 | COSTA, Raimundo Saraiva da | Karl Beurlen |
| 04 | DANTAS, Edgar Ramalho | Cristovão Bezerra Dantas |
| 05 | GOMES, Uílame Umbelino | Augusto Severo de Albuquerque Maranhão |
| 06 | GUERRA, Otto de Brito | Felipe Neri de Brito Guerra |
| 07 | MAIA, Jerônimo Vingt-un Rosado | Pe. Florêncio Gomes de Oliveira |
| 08 | MATTHEWS, Henry Ramos | Antônio Campos e Silva |
| 09 | MELO, Veríssimo Pinheiro de | Luiz da Câmara Cascudo |
| 10 | MENDES, Benedito Vasconcelos | Eloy de Souza |
| 11 | MONTE, Sebastião | Cônego Luiz Gonzaga do Monte |
| 12 | PAIVA, Jorge O'Grady de | Manuel Teófilo da Costa Pinheiro |
| 13 | PEDROSA, Josué Fernandes | Joaquim Inácio de Carvalho Filho |
| 14 | PORTO, Mário Moacyr | Amaro Cavalcanti |
| 15 | RODRIGUES, João Batista Cascudo | Augusto Tavares de Lira |
| 16 | SANTA ROSA, Jayme da Nóbrega | José Augusto Bezerra de Medeiros |
| 17 | SEABRA, Eduardo Gomes | José Nunes Cabral de Carvalho |
| 18 | SILVA, José Aleixo Prates e | Jerônimo Rosado |
| 19 | SILVA, Paulo Sérgio Lima e | Luciano Jacques de Moraes |
| 20 | SOARES, Carlos Ernani Rosado | Máximo Medeiros Filho |

**ESAM: "DESENVOLVER O SEMI-ÁRIDO, DANDO
PRIORIDADE AO SOCIAL E AO ECOLÓGICO"**